



FÁTIMA LUZ E PAZ

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

Diretor: Carlos Cabecinhas

Publicação Trimestral | Ano 17 | 67

*Tempo de graça e misericórdia:
dar graças por viver em Deus*

Pandemia incita peregrinos a olhar o Santuário de Fátima através de uma nova perspectiva / Pe. Carlos Cabecinhas

A missão primordial do Santuário de Fátima é acolher peregrinos, proporcionando-lhes as condições para uma forte experiência de fé. Ora, a pandemia que nos atingiu veio condicionar radicalmente o modo de relação dos peregrinos com o Santuário. Se para muitos peregrinos portugueses é possível, com os devidos cuidados, visitar o Santuário e aí rezar e celebrar a fé, para a esmagadora maioria dos peregrinos de outros países, tornou-se impossível vir ao Santuário de Fátima. Porém, porque acreditamos que a mensagem de Fátima é especialmente importante para este momento que estamos a viver, o Santuário procura oferecer a possibilidade de peregrinar de uma outra forma.

Durante este ano, para a preparação e vivência das peregrinações mais significativas – 12 e 13 de maio, agosto e outubro – propusemos um itinerário espiritual que permitisse peregrinar pelo coração àqueles que não podiam estar fisicamente presentes. Esta proposta está disponível em Podcast.

Diariamente, disponibilizamos a transmissão por meios digitais da Missa e do Rosário. São muitos aqueles que, em todo o mundo, se unem a Fátima nestes momentos de celebração e oração.

O sítio do Santuário na Internet oferece ainda informações e materiais diversos para conhecer e aprofundar a mensagem de Fátima. Ali é possível também fazer visitas virtuais às exposições temporárias que o Santuário tem oferecido àqueles que peregrinam presencialmente à Cova da Iria.

Um outro modo de presença no Santuário, mesmo à distância, são as mensagens e orações a Nossa Senhora, que tantos peregrinos nos fazem chegar: estas mensagens e orações são colocadas junto da Imagem de Nossa Senhora, na Capelinha.

A mensagem de Fátima, manifestação da misericórdia de Deus para conosco e mensagem de esperança, é especialmente importante nestes tempos de pandemia, pois ajuda-nos a enfrentarmos as dificuldades do momento presente e a vencermos o desânimo e o medo. A promessa de Nossa Senhora à vidente Lúcia é também para nós: “Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”. É esta mensagem de esperança que o Santuário quer continuar a oferecer, mesmo à distância.

Dificuldades de um ano em confinamento desafiam Santuário no próximo triénio

Diminuição do número de peregrinos presentes na Cova da Iria leva Santuário a reinventar-se na forma de levar Fátima ao mundo / Carmo Rodeia



2020 foi o ano em que pela primeira vez na história, o Santuário de Fátima viveu uma Peregrinação Internacional Aniversária sem a presença de peregrinos

O ano de 2020 no Santuário “tem sido um dos mais difíceis”. A afirmação é do reitor, padre Carlos Cabecinhas, ao sublinhar dois factos incontornáveis: pela primeira vez, em mais de cem anos, o Santuário celebrou a sua principal peregrinação internacional aniversária sem a presença física de peregrinos na Cova da Iria e, outubro, a segunda data mais icónica de Fátima, foi celebrado com um número muito limitado de peregrinos, que só podiam aceder ao Recinto de Oração de máscara e mantendo-se em locais previamente assinalados durante todo o tempo em que decorriam as celebrações. Os apelos contantes à responsabilidade dos peregrinos, seja por parte do cardeal D. António Marto, seja pela Reitoria do Santuário, acabaram por surtir efeito e nunca o Recinto esteve na iminência de atingir a lotação máxima durante todo o verão e, em particular, a 12 e 13 de outubro. Ao longo do verão, sobretudo aos domingos, o Santuário registou a presença significativa de peregrinos, na sua esmagadora maioria portugueses. A diminuição de peregrinos, sobretudo grupos estrangeiros organizados, saldou-se numa diminuição do fluxo de trabalho e também na quebra de receitas, como salientou o reitor do Santuário, na conferência de imprensa que precedeu as celebrações de outubro.

Fátima perdeu mais de metade das receitas

(50,6%) e a quebra de donativos atingiu 46,9%. O número de peregrinos também caiu a pique: entre março e agosto 436 grupos cancelaram a sua participação nas celebrações. De 733 grupos presentes no ano passado no mês de outubro, as estatísticas mostram que em dois meses – outubro e novembro de 2020 – apenas existem 97 grupos inscritos, mas que ainda não confirmaram a presença em Fátima.

Entre os dias 14 de março e 30 de maio, o Santuário não registou a presença de peregrinos. Durante este período o Santuário reinventou-se levando Fátima a todos os que não podiam participar nas celebrações uma vez que o culto comunitário estava suspenso. A transmissão diária, através das redes sociais do Santuário – Youtube e Facebook, de duas missas e dois terços, fizeram disparar o número de peregrinos virtuais que diariamente seguem e participam nas celebrações a partir de casa, em todo o mundo.

O Santuário regista, nesta altura, 1,2 milhões de seguidores no Facebook e 176 mil subscritores do canal do youtube.

Apesar da ligação ao mundo inteiro através das redes digitais, Fátima procura recuperar o movimento perdido neste tempo de pandemia e prepara já o próximo triénio, entre 2020 e 2023, procurando ser uma resposta de esperança, alegria e amor ao jeito de Maria.

Peregrinação com lugares limitados num dos mais estranhos 13 de outubro na Cova da Iria

Presidente da peregrinação alerta contra “movimentos populistas e nacionalismos” em tempo de pandemia e reforça necessidade de protagonismo das mulheres na Igreja / Carmo Rodeia



O cardeal D. António Marto, elogiou a “responsabilidade cívica” e cristã dos peregrinos que participaram nas celebrações do 13 de outubro

Fátima despediu-se de mais um ano de grandes peregrinações sem que neste 12 e 13 de outubro o Recinto tenha chegado aos seis mil peregrinos, o número definido como lotação máxima do Santuário neste tempo de pandemia.

Na peregrinação, em que todas as regras existiram – lugares marcados no chão, uso obrigatório da máscara, impossibilidade de movimentações no Recinto e a necessidade de manter o distanciamento físico entre todos –, a imagem final deixada pelos fiéis mereceu o elogio de quem teve uma visão privilegiada sobre o Recinto.

O cardeal D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima, elogiou a “responsabilidade cívica” e cristã dos peregrinos que participaram nas celebrações do 13 de outubro.

“Desde já, quero agradecer o testemunho da vossa responsabilidade cívica, de aceitar estas limitações, para o bem da saúde pública. É um exemplo cívico, mas também um exemplo cristão, de fé, de amor ao próximo”, referiu o responsável católico, no final da Missa internacional aniversária, celebrada na Cova da Iria, no dia 13.

O cardeal falou num “espetáculo de beleza”, apesar do número reduzido de participantes, “em comparação com as peregrinações dos anos anteriores”.

O bispo de Leiria-Fátima convidou os presentes a rezar uma Ave-Maria, em silêncio, pelos doentes e vítimas da Covid-19, os que faleceram e seus familiares em luto.

A reflexão recordou que a sexta e última aparição, em outubro de 1917, foi marcada por um “sinal particular

e muito significativo”, quando os três Pastorinhos viram Jesus Cristo “a abençoar o mundo”.

“A mensagem da Senhora é portadora das bênçãos divinas para este nosso mundo”, acrescentou o cardeal que desafiou os peregrinos a serem os mensageiros “da compaixão, da ternura, do carinho, do cuidado de uns pelos



Estiveram presentes vários grupos que cumpriram a sua peregrinação a pé



O presidente da Peregrinação Internacional Aniversária de outubro, D. José Ornelas, alertou para os perigos do populismo

outros, sobretudo pelos mais frágeis, os mais sós, os mais necessitados”.

“A misericórdia de Deus quer abraçar o nosso mundo”, prosseguiu.

Já o presidente da Peregrinação, D. José Ornelas, bispo de Setúbal e presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, alertou para os perigos do populismo.

“Vivemos num tempo em que movimentos populistas manipulam a nostalgia do passado, o medo real e imaginário, o perigo do estrangeiro, do que pensa diferente, que usam a ganância de possuir e dominar e até usam

o nome de Deus e modelos religiosos para os seus interesses”, disse na homilia da Missa de 13 de outubro.

Por outro lado, defendeu um novo “paradigma” de liderança na Igreja Católica, com valorização das mulheres nos lugares de decisão, como pede o Papa Francisco.

“Acentuar o feminino e o materno não é apenas buscar um equilíbrio de poderes ou de influências na organização funcional da Igreja. Trata-se de mudar de paradigma, de mudar o modo de pensar: o mundo não é de quem mais manda, é de quem mais constrói

a vida. A liderança eclesial não está fundada sobre a ideia de poder, mas na vida, no cuidado e no serviço”, disse D. José Ornelas, na homilia. O bispo de Setúbal sustentou que a valorização do papel da mulher “contribui decisivamente para a valorização dos ministérios na Igreja, homens e mulheres, hoje demasiado concentrados nos ministérios ordenados”.

Nesta peregrinação concelebraram mais de 50 presbíteros, 9 dos quais bispos. Foram acreditados na sala de imprensa 132 profissionais de 39 órgãos de informação.



“Acentuar o feminino e o materno não é apenas buscar um equilíbrio de poderes ou de influências na organização funcional da Igreja”

“Os estrangeiros são uma necessidade e um bem para Portugal”, afirmou o presidente da peregrinação de agosto

D. José Traquina, presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Social e Mobilidade Humana, presidiu às celebrações dos dias 12 e 13 de agosto, marcadas pelo acolhimento dos primeiros peregrinos internacionais do ano, que se fizeram anunciar na Cova da Iria depois do desconfinamento. / Carmo Rodeia



Inscreeveram-se nos serviços do Santuário para participar nas celebrações sete grupos, três dos quais estrangeiros, nomeadamente de Espanha, Itália e Polónia

D. José Traquina, bispo de Santarém, presidiu à peregrinação internacional aniversária de 12 e 13 de agosto em Fátima, onde apelou ao envolvimento dos cristãos no acolhimento aos migrantes que constituem “uma necessidade e um bem para Portugal”. “Como cristãos, manifestemos capacidade de acolhimento e não cultivemos sentimentos que não correspondem à nossa matriz cristã de fraternidade universal. Os estrangeiros são uma necessidade e um bem para Portugal, não para serem explorados ou maltratados, mas acolhidos e protegidos com a mesma respeitabilidade que desejamos para os portugueses que vivem em qualquer outro país”, disse o presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Social e

Mobilidade Humana na reflexão que apresentou na Cova da Iria, na noite de 12 de agosto, dirigindo-se aos participantes na Peregrinação Nacional dos Migrantes e dos Refugiados.

O prelado destacou a importância de os estrangeiros serem “informados acerca das nossas regras e hábitos de convivência e de terem as condições para expressarem a sua cultura”.

D. José Traquina lembrou, também, o tempo de pandemia, no qual “foi ressaltado o valor da vida humana, como dom e maior bem”, os migrantes que tiveram “dificuldades acrescidas” e, ainda, a realidade de Cabo Delgado, em Moçambique, onde “existem mais de 250 mil pessoas deslocadas”.

“É urgente que seja encontrada uma solução para travar os combates armados que atingem pessoas inocentes”, referiu.

Nesta noite o andor com a Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima foi levado por peregrinos voluntários, um deles emigrado em França.

A peregrinação de agosto é marcada sempre pelo calor da diáspora, mas este ano, em virtude da pandemia, a presença de emigrantes foi mais reduzida.

Na segunda alocução que dirigiu aos peregrinos, o prelado de Santarém referiu os “milhões de pobres e refugiados” que fogem, “os migrantes” que são “explorados” e os deslocados à força, dizendo que “todos têm direito” a celebrar a vida.



A Peregrinação Internacional Aniversária de Agosto, integrou pela 48ª vez a Peregrinação Nacional do Migrante e Refugiado

“Os homens e mulheres que eram como ovelhas sem pastor são hoje os atuais milhões de pobres em todo o mundo: os milhões de refugiados que têm de fugir, como Jesus, para terem vida; os migrantes que, por desconhecimento das formas legais de emigrar, são explorados por contrabandistas e traficantes; os milhões de pessoas deslocadas forçadamente dentro do seu próprio país, por falta de segurança; todos estes têm direito à festa nupcial”, afirmou.

Na missa do dia 13 de agosto, o bispo de Santarém partiu do relato do Evangelho, que narra o conhecido episódio das bodas de Caná, para afirmar que, sendo a festa um sinal de “alegria comunitária” que “dá sentido à vida humana”, todos têm o direito de participar na festa “convocada por Deus”.

“A festa é a convergência e a celebração comunitária em alegria que dá sentido à vida humana. Sem convívio, sem festa, a vida humana torna-se difícil. Para muitas pessoas, a Igreja é reconhecida pela dimensão da festa: festas nas etapas da vida cristã ou ao ritmo do calendário litúrgico”, recordou.

D. José Traquina lamentou que a pandemia tenha limitado a convocação de festas e convívios, mas fez notar que a situação

“acentuou” a consciência de que grande parte das festas populares tem a sua origem na Igreja e o cancelamento das celebrações fez promover “sinais essenciais”.

O trigo que se transforma em pão no grande banquete da Eucaristia

Na missa internacional do dia 13 de agosto há um gesto característico: a oferta de trigo. Este ano aconteceu pela 80.ª vez, reunindo até ao altar inúmeros peregrinos, de todas as idades, que deixaram simbolicamente o trigo para a confeção do pão eucarístico.

Esta tradição celebra-se desde 1940, quando um grupo de jovens da Juventude Agrária Católica, de 17 paróquias da Diocese de Leiria, ofereceu 30 alqueires de trigo destinados ao fabrico de hóstias para consumo no Santuário de Fátima. Hoje abrange peregrinos de todas as dioceses portuguesas e também estrangeiros.

D. António Marto pede orações pelo povo libanês

D. António Marto pediu aos peregrinos reunidos no recinto do Santuário de Fátima para não deixarem de “rezar pela paz” e lembrou o povo libanês e, ainda, “os doentes, falecidos e idosos sozinhos” no contexto da pandemia.

“Não deixeis de rezar pela paz no mundo. Ao falar da paz quero lembrar o querido povo, hoje tão martirizado pela guerra, o povo do Líbano, martirizado pela guerra e pela catástrofe que matou e deixou muitas pessoas sem casa. Façamos um momento de silêncio e oração por este povo”, pediu o cardeal de Leiria-Fátima, dirigindo-se aos peregrinos no final da Eucaristia que encerra a peregrinação de agosto ao Santuário de Fátima.

Na saudação o bispo de Leiria-Fátima recordou os bombeiros, “soldados da paz”, que “têm andado nas linhas da frente a apagar os incêndios”: “Quero lembrar os que ficaram feridos, os que faleceram, um da minha diocese, aos pais a quem endereço as minhas condolências, e as vítimas dos incêndios. Que Deus lhes dê fortaleza de alma para seguirem em frente”.

D. António Marto afirmou ser “sempre bela” a peregrinação de agosto ao Santuário, “mesmo sem a multidão dos anos anteriores”, sobretudo “pela característica particular de ser dedicada a todos os migrantes, a todos os irmãos e irmãs portugueses que trabalham no estrangeiro e passam férias em Portugal ou aos estrangeiros que trabalham em Portugal e que hoje representam vários povos, culturas e raças irmanados na mesma fé e amor, formando uma só família, para além de todas as diferenças”, referiu.



Cardeal D. António Marto convida a “desintoxicar os corações e o mundo”

Celebração de 13 de setembro reuniu maior multidão do ano na Cova da Iria / Cátia Filipe



Para esta peregrinação fizeram-se anunciar nove grupos nacionais, um de França, quatro de Espanha, dois de Itália e um da Polónia

O cardeal D. António Marto disse que a peregrinação de 13 de setembro, na Cova da Iria, foi um “momento forte e intenso”, sobretudo nos “tempos difíceis” da pandemia, e agradeceu à expressiva multidão que participou nas celebrações o “testemunho de fé que vence o medo”.

“Vimos invocar a cura corporal e espiritual para nós e para toda a humanidade”, referiu o bispo de Leiria-Fátima, no final da missa celebrada no Recinto de Oração, perante milhares de peregrinos, sobretudo de origem portuguesa.

O responsável católico sublinhou que, “para curar as enfermidades do mundo, não basta a Medicina e as técnicas humanas, é necessário também a saúde espiritual”.

D. António Marto convidou, por isso, todos a “usarem a medicina da misericórdia, do perdão e da reconciliação”, que permite “desintoxicar os corações e o mundo da carga de agressividade, de rancor, de ressentimento e ódio, de desejos e sede de vingança,

que terminam normalmente na violência, até na crueldade”.

“Só o perdão e a reconciliação são capazes de vencer estes males, estas enfermidades, para reconstruir os laços da fraternidade e da paz”, assinalou ao sublinhar que “um mundo onde não há o perdão de Deus e o perdão recíproco, uns para com os outros, é um mundo perdido”.

O bispo de Leiria-Fátima dirigiu, como habitualmente, uma saudação aos mais novos, recordando em particular o início do ano letivo: “Comecem bem este ano escolar, com muita atenção e muita seriedade, cumprindo as normas sanitárias para que não haja contágio nas escolas”, pediu.

O cardeal estendeu a sua saudação aos doentes da Covid-19 e recordou todos os que morreram, deixando uma mensagem de solidariedade às suas famílias.

D. António Marto pediu ainda orações pela reconstrução do Líbano e pelos refugiados do campo de Moria, na ilha grega



Esta foi a grande peregrinação deste ano mais participada por peregrinos na Cova da Iria



O programa evocativo da quinta aparição de Nossa Senhora, em 1917, integrou, pela primeira vez, os peregrinos surdos que fizeram a sua sexta peregrinação nacional

de Lesbos: “Que a Europa seja generosa em abrir-lhes as portas e em recebê-los”, apelou.

O bispo de Leiria-Fátima agradeceu, também em nome dos peregrinos, ao presidente da peregrinação, D. Manuel Pelino, bispo emérito de Santarém, que na homilia da missa a que presidiu falou, sobretudo, do perdão e da reconciliação como valores fundamentais da fé cristã.

Em Fátima bispos recordam efeitos da Covid-19: “A pandemia veio pôr a nu a nossa fragilidade e as falsas seguranças em que assentamos as nossas vidas”



O bispo emérito de Santarém presidiu às celebrações dos dias 12 e 13 de setembro em Fátima. Nas duas alocuções que proferiu – na noite do dia 12 e na missa do dia 13 –, falou da fragilidade humana e da necessidade de Deus: “Precisamos de mudar, de nos converter da indiferença à solidariedade, da autossuficiência à humildade e ao serviço fraterno”, afirmou na alocução feita aos pe-

sua Mãe santíssima, a salvação da pessoa na sua vida, no seu mundo e com o seu mundo e na eternidade”, realçou D. Manuel Pelino.

Para o presidente da celebração, está em causa a “saúde global para a humanidade ferida” e também uma “cura espiritual, a mudança de atitude perante a vida, perante a natureza e perante os outros”.

No dia 13, na homilia da missa internacional, D. Manuel Pelino voltou ao tema, sublinhando que “o perdão tem de estar sempre presente porque as ofensas, as palavras e atitudes que magoam, as vaidades e invejas que dividem, o azedume das más disposições estão enraizados no coração humano”.

“O perdão alicerça a convivência fraterna na comunidade e aproxima-nos de Deus, levando-nos a amar como Ele nos ama. Orienta-



regrinos na Vigília de Oração, na noite do dia 12. “Na verdade, julgávamo-nos donos do mundo, autossuficientes, capazes de tudo e, afinal, a pandemia veio pôr a nu a nossa fragilidade e as falsas seguranças em que assentamos as nossas vidas” afirmou D. Manuel Pelino.

Na homilia lembrou a oração do Papa a invocar a ajuda divina para “vencer o terrível flagelo do coronavírus”, perante o Cristo de São Marcelo e o ícone mariano conhecido por Salus Populi Romani, isto é “ícone de Nossa Senhora da Saúde, ou da Salvação, ou seja, da saúde global, do corpo e da alma”: “É a salvação que Jesus comunicou no seu tempo e nos concede hoje, por intercessão de

-nos, assim, para uma existência reconciliada e faz resplandecer mais claramente, na nossa vida e na da Igreja, a misericórdia e a graça de Deus”, sustentou o prelado.

O programa evocativo da quinta aparição de Nossa Senhora, em 1917, integrou, pela primeira vez, os peregrinos surdos que fizeram a sua sexta peregrinação nacional.

Esta foi a peregrinação do ano de 2020 mais participada por peregrinos na Cova da Iria, e o Santuário viu-se forçado a encerrar as entradas a meio da celebração.

Foram ainda deixados apelos constantes para o cumprimento das regras de distanciamento social à multidão de peregrinos que se dispersou pelo Recinto de Oração.

Imagem Peregrina N.º 2 de Nossa Senhora de Fátima peregrinou a cinco casas da hospitalidade no âmbito do Dia Mundial da Saúde Mental

O início desta peregrinação foi solenemente assinalado no dia 10 de outubro / Com frei Hermínio Araújo, OFM



O início desta peregrinação foi solenemente assinalado no dia 10 de outubro, por ser este o Dia Mundial da Saúde Mental

A Imagem Peregrina N.º 2 de Nossa Senhora de Fátima peregrinou a cinco casas hospitalares no âmbito do Dia Mundial da Saúde Mental. Este périplo, ocorrido entre os dias 9 e 18 de outubro, passou pela Clínica Psiquiátrica de S. José (Telheiras – Lisboa), a Casa de Saúde da Idanha (Belas), a Casa de Saúde Santa Rosa de Lima (Belas), o Centro Psicogeriatrico Nossa Senhora de Fátima (Cascais – Parede) e a Casa de Saúde do Telhal (Mem Martins).

A Equipa de Pastoral da Saúde da Clínica Psiquiátrica de S. José preparou e coordenou esta peregrinação, com o tema «Viver com Maria o impacto da pandemia na saúde mental de todos».

Num texto enviado à Sala de Imprensa do Santuário de Fátima, um dos responsáveis por esta peregrinação, Frei Hermínio Araújo, OFM, contou que “todos foram incluídos na oração e reflexão, de uma forma muito especial, sobretudo aqueles que mais experimentam a solidão”.

O início desta peregrinação foi solenemente assinalado no dia 10 de outubro por ser este o Dia Mundial da Saúde Mental, com uma Eucaristia presidida pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, na Clínica Psiquiátrica de S. José, em Lisboa.

Nas palavras que dirigiu aos utentes ali presentes, o prelado falou da Virgem Maria enquanto “Mãe da Consolação”, porque a consolação “é a resposta prática à solidão que tem vindo a aumentar nos difíceis tempos da pandemia”. Na homilia desta celebração, D. Manuel Clemente perguntava “Se somos consolados por Deus, não havemos de consolar os outros?”.

Esta peregrinação “foi de consolação, de alegria e de esperança”, explica o Frei Hermínio Araújo.

“Ao longo destes dias recordei muitas vezes a visita de Maria a sua prima Isabel, na disponibilidade, no maravilhamento, na gratidão, e no louvor”, contou.

A Imagem Peregrina N.º 2 de Nossa Senhora de Fátima foi levada até junto dos doentes e colaboradores.

“Enquanto Capelão Hospitalar há muitos anos, inúmeras vezes acompanhei doentes, profissionais de saúde, voluntários e outros ao Santuário de Fátima, mas por estes dias Fátima veio a estas casas da hospitalidade”, enaltece o Frei Hermínio Araújo.

Ao longo destes dias foi visível “a alegria e a esperança em tantos rostos marcados por tantas fragilidades e sofrimentos e eu fui testemunha de momentos únicos de encontro e de encanto, em

orações de prece, de gratidão e de louvor”.

Para este responsável, estes dias foram de “graça depois de tantos meses tão limitado na relação pastoral com os doentes, este contacto foi muitíssimo significativo para mim, enquanto assistente espiritual e religioso, pois vi os doentes, os diferentes colaboradores, as irmãs e os irmãos a viver intensamente esta peregrinação”.

“Foram profundamente vividas muitas celebrações comunitárias e muitos momentos de oração individual”, recorda Frei Hermínio Araújo que esteve em todos as celebrações de acolhimento e de despedida da Imagem Peregrina N.º 2 de Nossa Senhora de Fátima.

A Eucaristia de encerramento desta peregrinação ocorreu no Dia Mundial das Missões, reforçando desta forma a nossa identidade cristã enquanto missionária: “caminhando ao encontro dos outros, peregrinos como Maria e peregrinos com Maria, vivendo o primado de Deus, na abertura aos outros em hospitalidade”.

Feita segundo indicações da Irmã Lúcia, a primeira Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima foi oferecida pelo bispo de Leiria e coroada solenemente pelo arcebispo de Évora, em 13 de maio de 1947. A partir dessa data, a Imagem percorreu, por diversas vezes, o mundo inteiro, levando consigo uma mensagem de paz e amor.

A fim de dar resposta aos imensos pedidos provenientes de todo o mundo, foram, entretanto, feitas várias réplicas da primeira Imagem Peregrina, num total de treze.



Foram profundamente vividas muitas celebrações comunitárias e muitos momentos de oração individual

“Neste barco estamos todos”

Um olhar sobre a relação entre Fátima e o sofrimento do Papa a partir da pandemia / Carmo Rodeia



© EPA YARA NARDI

No dia 27 de março, em plena Quaresma, Francisco voltou a remeter-nos para “o bispo vestido de branco” e para essa memória de Lúcia sobre a terceira aparição

Nas aparições de Fátima, segundo os relatos de Lúcia, a Virgem profetizou, a 13 de julho de 1917, que o Santo Padre teria muito que sofrer.

Nessa terceira aparição, na qual a vidente incluiu a revelação de um segredo com diversas visões, numa delas, as três crianças viram “um bispo vestido de branco”, que presumiram ser o Santo Padre, a subir “uma escabrosa montanha, no cimo da qual estava uma grande Cruz”, tendo antes de atravessar “uma grande cidade meia em ruínas” e que, “meio trémulo com andar vacilante, acabrunhado de dor e pena, ia orando pelas almas dos cadáveres que encontrava pelo caminho”.

A terceira parte do Segredo de Fátima, estudada e revelada a pedido de São João Paulo II, que encontrou nela uma sintonia perfeita entre o que foi narrado por Lúcia e a sua própria história pessoal (sobretudo depois do atentado de que foi alvo a 13 de maio de 1981), interpela-nos indiscutivelmente sobre a ligação entre Fátima e os Papas.

O próprio Comentário Teológico desenvolvido por Joseph Ratzinger, ainda Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, em 2000, que acompanha a revelação do Segredo na Cova da Iria, sublinha fundamentalmente esta íntima ligação que foi

atualizada, numa perspetiva mais genérica, quando Bento XVI visitou Portugal, em 2010, e afirmou que a missão de Fátima ainda não estava “concluída”, lembrando a história bíblica de Caim e Abel para falar sobre a violência na humanidade: “Vim a Fátima para rezar, com Maria e tantos peregrinos, pela nossa humanidade acabrunhada por misérias e sofrimentos”. Durante a bênção, o Papa disse que “a consolação do amor solidário de Deus” se propaga “em todo o sofrimento”. “Como vedes, o Papa precisa de se abrir cada vez mais ao mistério da Cruz, abraçando-a como única esperança e derradeiro caminho para ganhar e reunir no Crucificado todos os seus irmãos e irmãs em humanidade”, disse ainda.

No dia 27 de março, em plena Quaresma, Francisco volta a remeter-nos para “o bispo vestido de branco” e para essa memória de Lúcia sobre a Terceira Aparição.

Francisco percorreu sozinho a Praça de São Pedro, debaixo de uma chuva torrencial ao cair da noite, transportando o mundo às costas, também ele surpreendido por “uma tempestade inesperada e furibunda”.

“Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados, mas ao mesmo tempo importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos ca-

recidos de mútuo encorajamento. E, neste barco estamos todos”. E prosseguiu: “Com a tempestade, caiu a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso eu, sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, aquela pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos”.

Naquela tarde, o Papa, sucessor de Pedro, foi o “bispo vestido de branco”, que voltou a abraçar a cruz, no meio da angústia e da adversidade em que “densas trevas cobriram as nossas praças, ruas e cidades, se apoderaram das nossas vidas”, e que a partir dela confiou a humanidade a Deus, lembrando que é na conversão que está o caminho da salvação.

“A oração e o serviço silencioso são as nossas armas vencedoras”, disse Francisco.

Ao mesmo tempo, o “bispo vestido de branco”, na sua fragilidade humana, fez-se o grande missionário da consolação de Deus: “O Senhor interpela-nos e, no meio da nossa tempestade, convida-nos a despertar e a ativar a solidariedade e a esperança, nestas horas em que tudo parece naufragar [...]. Temos uma âncora: na sua cruz fomos salvos. Temos um leme: na sua cruz fomos resgatados. Temos uma esperança: na sua cruz fomos curados”.

O Segredo de Fátima e os Papas*

/ Carmo Rodeia



A 13 de outubro de 1996, o cardeal Joseph Ratzinger, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o futuro Papa Bento XVI presidiu à peregrinação aniversária de outubro

O Segredo de Fátima é tido como núcleo fundamental da mensagem de Fátima e refere-se às visões e palavras testemunhadas pelos Pastorinhos na aparição de Nossa Senhora a 13 de julho de 1917, sobre as quais lhes pediu reserva, indicando que não fossem transmitidas a ninguém.

“Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo”, foi a instrução dada, segundo Lúcia. Recorde-se que os três Pastorinhos percecionavam o conteúdo das Aparições de maneira diferente: apenas Lúcia interagiu, vendo, ouvindo e falando; Jacinta via e ouvia, mas não falava, enquanto Francisco apenas via. Daí a autorização para que se contasse a Francisco. E o Segredo foi guardado, apesar das numerosas pressões e ameaças, como quem guarda com o coração a própria vida.

Lúcia aceitou a escrever sobre as Aparições, mas manteve reservado o conteúdo do Segredo, só o passando ao papel depois de ter recebido autorização “do Céu”, na sua expressão, o que aconteceu na década de 40.

As duas primeiras partes (a visão do Inferno e a devoção ao Imaculado Coração de Maria) foram dadas a conhecer em 1941; a terceira (a visão da Igreja peregrina e mártir e da cidade em ruínas), redigida em 1944, permaneceu sob reserva e foi revelada publicamente em Fátima no ano 2000.

A terceira parte do Segredo incluiu a referência a um atentado contra a figura do Papa, tendo João Paulo II ligado essa revelação ao atentado de que foi alvo a 13 de maio de 1981, em Roma, e ao qual sobreviveu por “uma mão materna” ter desviado a trajetória da bala.

Em conversa em abril de 2000 no Carmelo de Coimbra com o cardeal Tarcisio Bertone, então secretário da Congregação para a Doutrina da Fé, a Irmã Lúcia concordou que a terceira parte do Segredo consistia numa visão profética, sobretudo sobre a luta do Comunismo ateu contra a Igreja e os cristãos, na qual se descreve o sofrimento das vítimas da fé no século XX.

“É uma Via-Sacra sem fim, guiada pelos Papas do século vinte”, sublinha o cardeal Angelo Sodano, secretário de Estado do Vaticano, ao anunciar em Fátima a terceira parte do Segredo, em 13 de maio de 2000.

Angelo Sodano aludiu ao atentado de 1981 e “à mão materna que permitiu que o papa agonizante se detivesse no limiar da morte”.

O facto de se tratar de um “segredo” alimentado durante gerações a ideia de que o conteúdo das revelações, sobretudo a terceira parte, conhecida apenas 83 anos depois das aparições, se referia a algo relacionado com o fim do mundo, por entre mitos de que os Papas teriam querido manter o documento em segredo por causa das suas “terríveis revelações”.

Nada mais afastado da realidade, como escreveu o então cardeal Joseph Ratzinger, na altura prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e hoje Papa emérito Bento XVI, no Comentário Teológico que fez ao Segredo de Fátima: “Quem estava à espera de impressionantes revelações apocalípticas sobre o fim do mundo ou sobre o futuro desenrolar da história deve ficar desiludido. Fátima não oferece tais satisfações à nossa curiosidade, como, aliás, a fé cristã

em geral, que não pretende nem pode ser alimento para a nossa curiosidade”.

E, prossegue: “O que permanece – dissemos-lo logo ao início das nossas reflexões sobre o texto do ‘Segredo’ – é a exortação à oração como caminho para a salvação das almas e no mesmo sentido o apelo à penitência e à conversão”.

No Comentário Teológico, o então cardeal Joseph Ratzinger sublinhou que a palavra-chave desta terceira parte do Segredo é o tríplice grito do anjo com a espada de fogo na mão esquerda: “Penitência, penitência, penitência!”.



A 12 e 13 de maio de 2010, Bento XVI presidiu à peregrinação aniversária de maio

Ou seja, o apelo ao arrependimento e à conversão, na certeza de que o bem triunfará sobre o mal, como escreveu: “a visão da terceira parte do ‘segredo’, tão angustiante ao início, termina numa imagem de esperança: nenhum sofrimento é vão e precisamente uma Igreja sofredora, uma Igreja dos mártires torna-se sinal indicador para o homem na sua busca de Deus”.

“Do sofrimento das testemunhas deriva uma força de purificação e renovamento, porque é a atualização do próprio sofrimento de Cristo e transmite ao tempo presente a sua eficácia salvífica”, assinala.

Por isso, recorda a promessa deixada por Cristo no Evangelho de João: “No mundo tereis aflições, mas tende confiança! Eu vençi o mundo” (Jo 16,33).

“A mensagem de Fátima convida a confiar nesta promessa”, conclui.

*Este texto foi redigido a partir da *Enciclopédia de Fátima* e da *Revista Fátima XXI*, 1 (maio 2014).

Papas distinguem Santuário com a oferta da Rosa de Ouro

Paulo VI inaugurou uma distinção a este Santuário que iria ser seguida por Bento XVI, em 2010 e por Francisco em 2017. A oferta da Rosa de Ouro é sinal do reconhecimento da fidelidade à Igreja de Cristo e ao seu Vigário / Carmo Rodeia



Rosa oferecida pelo Papa Paulo VI



Rosa oferecida pelo Papa Francisco



Rosa oferecida pelo Papa Bento XVI

O Santuário de Fátima possui no seu Museu três Rosas de Ouro, a mais alta distinção que os Papas atribuem a personalidades da vida pública, entre soberanos, príncipes e rainhas, ou a santuários, igrejas ou cidades, em reconhecimento e recompensa por assinalados serviços prestados à Igreja ou a bem da sociedade.

De tradição que remonta aos finais do século VI, princípios do século VII, a bênção e atribuição das Rosas de Ouro decorre, habitualmente, no Domingo da Alegria, no final da Quaresma. A princípio a Rosa de Ouro era constituída por uma única flor. Com o Papa Sisto IV, tomou a forma que manteve durante séculos: um ramo de roseira, completamente em ouro, com alguma folhagem, a que, às vezes se acrescentavam algumas pedras preciosas.

A primeira Rosa de Ouro entregue ao Santuário de Fátima foi concedida pelo Papa Paulo VI, a 21 de novembro de 1964, no final da terceira sessão do Concílio Vaticano II, depois de promulgada a Constituição sobre a Igreja e benzida pelo Sumo Pontífice a 28 de março de 1965, na Capela Matilde, no Palácio Apostólico, no Vaticano.

Na cerimónia de bênção, o Papa Paulo VI recordou a simbologia das Rosas de Ouro, que, no seu “significado místico, representam a alegria da dupla Jerusalém – Igreja Triunfante e Igreja Militante – e a belíssima Flor de Jericó – a Virgem Imaculada – que é também a vossa Padroeira e é a alegria e a coroa de todos os Santos”.

“Julgamos oportuno lembrar, hoje em particular, a consagração solene do nosso predecessor Pio XII ao Coração Imaculado de Maria. Com este fim, decidimos mandar proximamen-

te, por uma missão especial, a Rosa de Ouro ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima”.

“[A Rosa de Ouro] é o testemunho do Nosso paternal afeto que mantemos pela nobre Nação Portuguesa; é penhor da Nossa devoção que temos ao insigne Santuário, onde foi levantado à Mãe de Deus um Seu altar”, sublinhou na altura Paulo VI.

O Papa acrescentou que a rosa é o símbolo da penitência, recordando a mensagem de Nossa Senhora aos Pastorinhos, nas Aparições de maio a outubro de 1917: “Vindo a Virgem a Fátima para recordar ao mundo a mensagem evangélica da penitência e da oração, então por ele tão esquecida, deveis ser vós, amados filhos, a dar o exemplo no cumprimento desta mensagem”.

A Rosa esteve exposta na Igreja de Santo António dos Portugueses, em Roma, até ser trazida para Portugal, a 13 de maio de 1965 pelo cardeal Fernando Cento, legado do Papa. Com ela veio uma carta dirigida ao bispo D. João Pereira Venâncio.

A 12 maio de 2010, o Papa Bento XVI entregou a segunda Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima, tendo sido a primeira vez que um Papa teve este gesto, pessoalmente, em território português.

Ajoelhado junto à imagem da Virgem Maria, na Capelinha das Aparições, o agora Papa emérito disse que a atribuição da segunda Rosa de Ouro é “uma homenagem de gratidão” pelas “maravilhas que o Onnipotente tem realizado por Vós no coração de tantos que peregrinam”.

“Estou certo de que os Pastorinhos de Fátima, os Beatos Francisco e Jacinta e a Serva de

Deus Lúcia de Jesus nos acompanham nesta hora de prece e de júbilo”, acrescentou.

Em 2017, por ocasião do Centenário, a entrega foi feita no início da sua peregrinação à Cova da Iria, momentos antes de uma oração que fez congregar, em silêncio, a multidão presente no Recinto. Foi como símbolo da “união na oração com todos os peregrinos” que o Santo Padre se referiu a esta distinção, um dia antes da sua chegada.

“Preciso de vos ter comigo. Preciso da vossa união – física ou espiritual, importante é que seja do coração –, para o meu bouquet de flores, a minha Rosa de Ouro, formando um só coração e uma só alma. Entregar-vos-ei todos a Nossa Senhora, pedindo-lhe para segredar a cada um: O Meu Imaculado Coração será o teu refúgio, o caminho que te conduzirá até Deus”, disse o Papa Francisco, num vídeo onde antecipava a visita ao Santuário de Fátima.

O Santuário de Nossa Senhora do Sameiro, em Braga, também recebeu, a 8 de dezembro de 2004, uma Rosa de Ouro, atribuída pelo São João Paulo II, por ocasião do centenário da coroação da imagem de Nossa Senhora e que foi entregue pelo cardeal Eugénio Sales, legado do Papa.

Outras rosas foram oferecidas a soberanos portugueses ou a outras individualidades e personagens importantes: D. Afonso V, em 1454, por Nicolau V; D. Manuel I em 1506; D. João III, em 1525 pelo Papa Clemente; D. Catarina e D. João, filhos de D. João III, em 1550 pelo Papa Júlio III; D. Maria II em 1842 e D. Amélia em 1892.

Aparições de Fátima foram declaradas dignas de crédito há 90 anos

Carta pastoral do bispo da restaurada diocese de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, foi publicada a 13 de outubro de 1930 / Carmo Rodeia



D. José Alves Correia da Silva com o Cônego Pe. Manuel Nunes Formigão, na Cova da Iria

A carta pastoral, datada de 13 de outubro de 1930, 10 anos depois de ter tomado posse como bispo da restaurada diocese de Leiria, a declarar “dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria” foi apenas o desfecho previsível da mais íntima convicção do bispo D. José Alves Correia da Silva relativamente aos acontecimentos que tinham tido lugar entre maio e outubro de 1917, na Cova da Iria.

E, não são poucas as evidências da curiosidade, e interesse, que o fenómeno tinha despertado ao prelado diocesano, e que o terá levado a nomear a Comissão Canónica que haveria de desenvolver uma longa investigação durante 8 anos, entre 1922 e 1930.

A visita à Cova da Iria a 14 de setembro de 1921; a aquisição de terrenos e a permissão para a celebração do culto público na capela que ali havia sido construída pelo povo de Deus; a ordem para a abertura de um poço ao pé da capela (13 de novembro de 1921) e alguns

atos posteriores à nomeação da Comissão Canónica, em 1922, como o apoio à criação da Pia União dos Servitas e das Servitas (1924 e 1926, respetivamente); a regulamentação das peregrinações (1925); a criação de um posto de verificações médicas ou a ordem para a construção de confessionários, a que se seguiu a criação de uma capelania (julho de 1927), são factos de relevo que atestam a atenção que o bispo de Leiria prestava a Fátima e que não poderia ter outro desfecho senão o reconhecimento, em carta pastoral, destes acontecimentos.

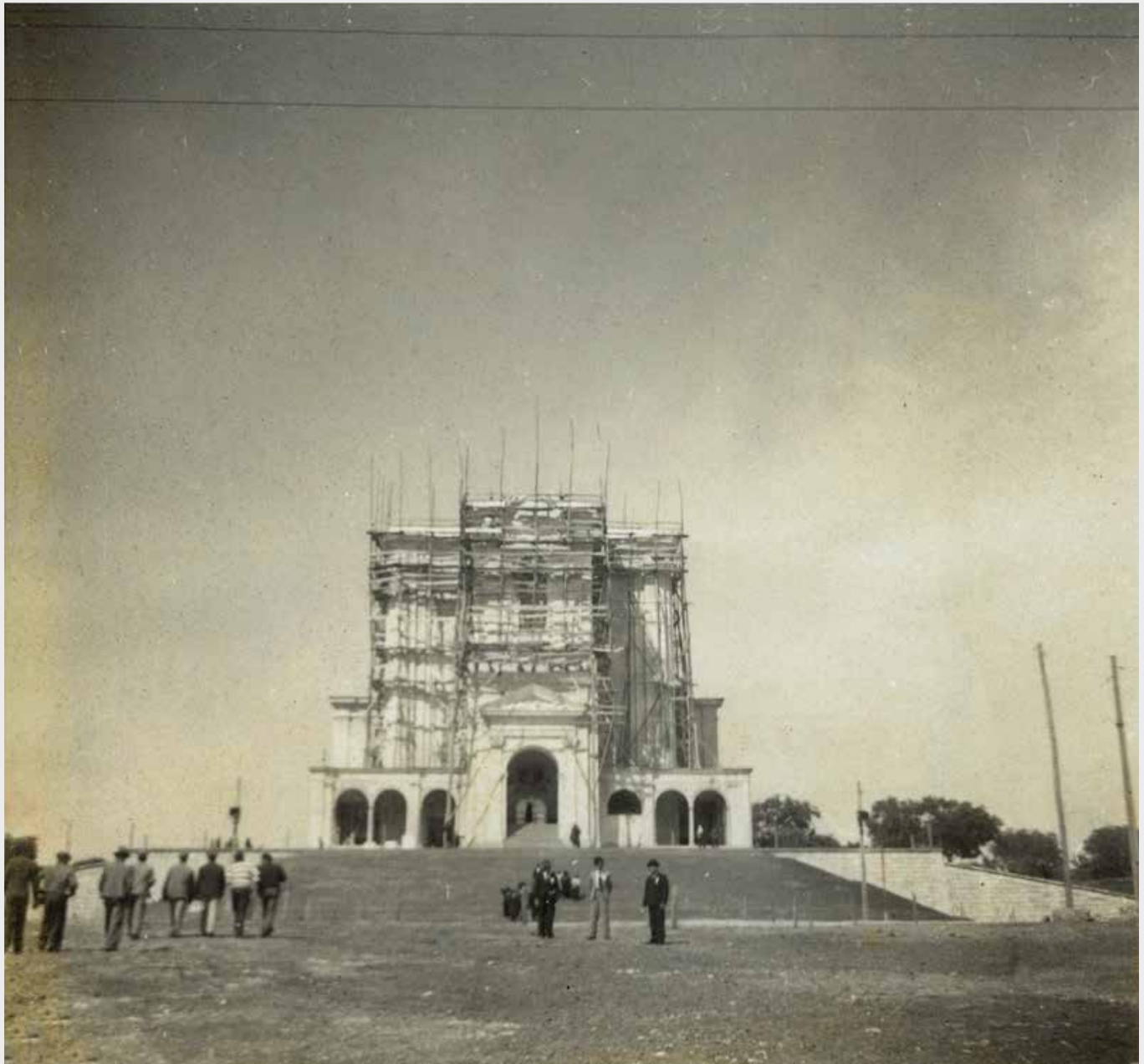
A carta marca, aliás, um novo começo para Fátima: além de declarar como “dignas de crédito as visões das três crianças na Cova da Iria” permite oficialmente “o culto de Nossa Senhora”, dando assim um impulso extraordinário ao Santuário que, anos mais tarde, haveria de ser declarado “altar do Mundo”, por se ter tornado meta não apenas de peregrinos portuque-

ses mas de muitos outros, oriundos de todo o mundo, que aqui se deslocavam atraídos por uma mensagem que cada vez mais era considerada uma mensagem para o mundo inteiro, como reconhece o padre Luciano Cristino, ex-diretor do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima, no artigo publicado na Enciclopédia de Fátima.

Esta carta pastoral foi, por isso, o termo de um processo que se havia iniciado anos antes, despertando a curiosidade de muitos, incluindo no Vaticano. Após esta validação solene das aparições de Fátima, na Cova da Iria fundam-se seminários, conventos e casas de religiosos e religiosas. D. José Alves Correia da Silva dá ao capelão jurisdição para batismos e casamentos e isenta o Santuário da jurisdição paroquial. Nomeia reitor o capelão e desmembra o Santuário da paróquia de Fátima, concedendo ao reitor todo o poder ordinário “como se fosse pároco”.

Santuário de Fátima

Uma obra viva / Diogo Carvalho Alves e Carmo Rodeia



A Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima ergue-se no local onde os três pastorinhos brincavam «a fazer uma paredita». A primeira pedra foi benzida em 13 de maio de 1928 pelo arcebispo de Évora.

No final do ano passado, 339 pessoas colaboravam nos dez departamentos que compõem a estrutura orgânica do Santuário de Fátima: Reitoria, Acolhimento aos Peregrinos; Liturgia; Pastoral da Mensagem de Fátima; Ação Caritativa; Estudos; Hospedagem; Museu; Vigilância e Gestão Operacional; Construções e Manutenção e Departamento Económico e Financeiro. O Departamento de Hospedagem é o que mais colaboradores tem, seguido pela Vigilância e Gestão Operacional e as Construções e Manutenção. Estas três áreas congregam cerca de 60% dos colaboradores do Santuário. Depois da construção da Basílica da Santíssima Trindade,

e assumindo o repto que o Papa Bento XVI lançou, em 2010, para a preparação do Centenário das Aparições, o Santuário fez crescer os espaços e os serviços para um melhor acolhimento do aumento expectável de peregrinos. A aposta na pastoral da cultura, pelo relevo do património edificado e artístico de Fátima, e a valorização da música no contexto celebrativo foram algumas das linhas de destaque da oferta do Santuário. Este crescimento foi sempre feito com os olhos postos na pastoral da fragilidade, mantendo e até, em muitos anos, reforçando os retiros propostos. Nesta linha de ação, a criação de um departamento dedicado à Pastoral da mensa-

gem de Fátima, após o Centenário, resultou no incremento de novos espaços para a difusão e interpretação da Mensagem que Nossa Senhora deixou aos Pastorinhos, na Cova da Iria. A Escola do Santuário é disso exemplo, pelas diversas dinâmicas pastorais centradas na mensagem de Fátima, nomeadamente ao nível da espiritualidade e acolhimento intergeracional, que tem vindo a dinamizar. No cumprimento da sua Missão, assumindo o voluntariado como um contributo essencial, o Santuário de Fátima tem vindo a reforçar as possibilidades de colaboração voluntária na Cova da Iria, implicando cada vez mais jovens no acolhimento e no apoio à deficiência.

O Santuário de Fátima, no dia 19 de agosto, evocou a memória da quarta aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos nos Valinhos / Cátia Filipe



Peregrinos foram convidados à oração constante, conforme foi pedido por Nossa Senhora

O Padre Carlos Cabecinhas, reitor do Santuário, presidiu à celebração na Basílica da Santíssima Trindade.

O sacerdote convidou os peregrinos a verem “de que modo as aparições testemunham a imensa bondade de Deus, deixando neste lugar uma mensagem de

esperança e um apelo à oração constante e confiante”.

A 19 de agosto de 1917, Nossa Senhora apareceu nos Valinhos, a uns 500 metros do lugar de Aljustrel, porque no dia 13 as crianças tinham sido levadas pelo administrador do Concelho, para Vila Nova de

Ourém, a fim de serem interrogadas. «Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas», disse Nossa Senhora.

No rosário desse dia, fez-se memória desta efeméride.

A 13 de agosto, no final da Procissão das Velas à noite, fez-se a evocação da queda do Muro de Berlim.

A 13 de agosto de 1994 foi inaugurado no Santuário de Fátima, na entrada sul do recinto de oração, o Monumento do Muro de Berlim. Trata-se de um bloco do muro que começou a ser construído naquela cidade alemã na noite de 12 para 13 de agosto de 1961 e que viria a ser demolido a 9 de novembro de 1989. O fragmento pesa 2 600 quilos e mede 3,60 metros de altura e 1,20 metros de largura. Foi oferecido ao Santuário por um português residente na Alemanha.





O cardeal D. António Marto presidiu, no recinto de oração do Santuário de Fátima, à missa da Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria, no passado dia 15 de agosto, onde apresentou Nossa Senhora e o mistério da sua Assunção como “motivo de conforto e consolação na luta entre o bem o mal”; “beleza do nosso destino glorioso com Deus” e caminho de esperança para a cura de um “mundo enfermo das pande-

mias sociais do individualismo, da indiferença e da corrupção”.

“O *Magnificat* é o canto dos que enfrentam a luta da vida, levando no coração a esperança em Deus, que permite pensar a beleza de um mundo diferente, onde todos possamos cuidar uns dos outros e curar o nosso mundo enfermo, não só da pandemia sanitária, mas das pandemias sociais mais amplas: o individualismo, a indiferença e a corrupção, que

geram pobreza e exclusão. Maria canta connosco o magnificat da esperança! Não deixemos que nos roubem esta esperança!”, exortou.

No final da celebração, o cardeal D. António Marto deixou uma saudação aos peregrinos presentes, em particular aos grupos internacionais que se fizeram anunciar nos Serviços do Santuário: um grupo alemão, um grupo espanhol e cinco grupos ingleses.

Nossa Senhora de Fátima é esperança para a liberdade num dos países onde os cristãos mais são perseguidos

/ Fundação AIS

Todas as terças-feiras, na Catedral de Myeong-dong, em Seul, reza-se pela Coreia do Norte. Desde há 25 anos que por iniciativa do “Comité de reconciliação nacional”, na Arquidiocese de Seul, na Coreia do Sul, celebra-se uma missa e reza-se o Terço pela reconciliação e unidade do povo coreano.

Agora, desde o dia 15 de Agosto, esse momento de oração tem um significado ainda mais especial. Numa cerimónia solene que decorreu precisamente na Catedral de Seul, a Diocese de Pyongyang, a capital da Coreia do Norte, foi oficialmente dedicada e consagrada a Nossa Senhora de Fátima.

A data escolhida para a consagração de Pyongyang e de toda a Coreia do Norte é significativa. O dia 15 de Agosto, solenidade da Assunção da Virgem, comemora também o dia da libertação da península coreana do domínio colonial japonês, no final da Segunda Guerra Mundial. Este ano assinalou-se ainda o 70º aniversário do início da guerra fratricida na península coreana.

O “Comité de reconciliação nacional” tem redobrado as suas actividades nos últimos anos. Segundo a agência Fides, isso traduz-se na “intensificação” da campanha de oração pelos Cristãos que se encontram na Coreia

do Norte e que “vivem a sua vida de fé clandestinamente e com grande risco pessoal e familiar”.

Recorde-se que a Coreia do Norte é considerado como “um dos piores lugares do mundo para a liberdade religiosa ou de crença”, como se pode ler no mais recente Relatório sobre a Liberdade Religiosa, publicado pela Fundação AIS. Nesse relatório afirma-se ainda que a Coreia do Norte “é um dos poucos países onde há uma quase total recusa deste direito humano básico e uma sistemática violação de cada liberdade estabelecida pela Declaração Universal dos Direitos Humanos”.

Horário de inverno no Santuário de Fátima assegura cumprimento das regras definidas pelas autoridades de saúde / Cátia Filipe



Entrou em vigor no passado dia 1 de novembro, o horário de inverno no Santuário de Fátima, com alterações que se prolongarão até à Páscoa e serão sentidas no programa celebrativo.

Durante este período, a celebração da missa das 7h30, 9h00 e 11h00, 15h00, 16h30 e 18h30 acontece diariamente na Basílica da Santíssima Trindade.

Pelas 12h30, haverá missa na Capelinha das Aparições, diariamente.

O rosário é rezado diariamente na Capelinha das Aparições pelas 18h30 e 21h30. Ao sábado e domingo este momento de oração acontece às 10h00 e pelas 14h00 acontece a Hora da Reparação. De segunda a sábado há rosário pelas 12h00. A Procissão de Velas depois do rosário das 21h30 acontece diariamente até ao Advento, posteriormente acontece somente ao sábado.

Ao domingo a Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima acolhe a oração de Vésperas pelas 17h30.

Os Primeiros Sábados têm prevista uma hora de Reparação entre as 14h00 e as 15h00. Segue-se um momento de catequese na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

As transmissões da missa das 11h00 e do rosário das 18h30 são asseguradas diariamente no site oficial www.fatima.pt.

Para garantir a participação do maior número de pessoas em segurança, no estrito cumprimento das regras definidas pelas autoridades de saúde, o Santuário concentra na Basílica da Santíssima Trindade a maioria das missas do programa oficial.

O Santuário adotou um conjunto de regras de segurança que passam pelo uso obrigatório de máscara nos espaços fechados e durante as celebrações na Basílica da Santíssima Trindade e na Capelinha das Aparições; o uso de solução desinfetante disponível à entrada dos diferentes espaços; a sinalização dos percursos dentro dos espaços celebrativos com zonas de entrada e de saída distintas e devidamente assinaladas; equipas de acolhedores e painéis informativos sobre os procedimentos a adotar. Haverá igualmente sinalização sonora no Recinto de Oração sobre os procedimentos de segurança.

A agenda completa está disponível no site oficial www.fatima.pt.

**FÁTIMA
LUZ
E PAZ**

Diretor: Padre Carlos Cabecinhas * **Propriedade, Edição e Redação:** Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
NIF: 500 746 699 * **Morada:** Santuário de Fátima – Rua de Santa Isabel, 360, 2495-424 FÁTIMA * **Telf.:** +351 249 539 600
Fax: +351 249 539 668 * **Email:** press@fatima.pt * www.fatima.pt * **Impressão:** Gráfica Almondina – Torres Novas
Depósito Legal: 210 650/04 * **ISSN:** 1647-2438 * Isento de registo na E.R.C. ao abrigo do decreto regulamentar 8/99 de 9 de junho – alínea a) do n.º 1 do Artigo 12.º

SUBSCRIÇÃO GRATUITA ANUAL = 4 NÚMEROS

Envie o seu pedido de subscrição para: assinaturas@fatima.pt

Indique o idioma em que pretende receber a edição: Alemão, Espanhol, Francês, Inglês, Italiano, Polaco, Português

Envio de donativos para apoiar esta publicação:

Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 5003 2983 2480 5

Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5 BIC/SWIFT: BCOMPTPL

Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima, Rua de Santa Isabel, 360 – 2495-424 Fátima Portugal

Ajude-nos a divulgar a Mensagem de Nossa Senhora através da "Fátima Luz e Paz"!

As notícias deste boletim podem ser publicadas livremente. Deve ser identificada a fonte e, se for o caso, o autor.